

Educação em saúde como fator de participação da enfermeira na construção da cidadania do surdo: reflexão crítica¹

Rosiléa Alves de Sousa
Lorita Marlena Freitag Pagliuca

Resumo

Este relato visa divulgar trabalhos educativos voltados para a população surda, reconhecendo o surdo como cidadão apto a decidir nos vários momentos do exercício da sua sexualidade. As sessões educativas têm ocorrido durante os encontros realizadas, aos sábados, à noite, na Associação de Surdos do Ceará, quando utilizamos materiais visuais (álbuns seriados, pranchas de gravuras e vídeos) e atividades lúdicas que visam levantar discussões sobre o tema. Esses momentos têm favorecido a preparação dos surdos para o exercício de uma sexualidade consciente e têm promovido um elo entre este grupo e a comunidade acadêmica, à medida que nossa produção científica tem trazido visibilidade dos problemas enfrentados por eles, representando assim mais uma contribuição para o reconhecimento da sua cidadania.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Surdez. Saúde Sexual. Reprodutiva.

Introdução

Em uma análise mais detalhada do grupo de pessoas consideradas deficientes em nossa sociedade, encontramos os surdos e as pessoas de audição difícil. O impedimento que o deficiente auditivo tem de captar bem o som confere-lhe uma dificuldade de comunicação própria dessa condição, e apesar de, nos demais aspectos, como inteligência e necessidades, terem o mesmo potencial e carências de qualquer outro ser humano (DAVIS, 1979), a baixa visibilidade dos defeitos auditivos tem levado as pessoas com limitação da audição a serem consideradas, freqüentemente, desmotivadas, desatentas ou mesmo portadoras de retardamento mental.

Provavelmente, por esse motivo, o público em geral não tem mostrado interesse ou

simpatia pelos deficientes auditivos e estes passaram a compor uma minoria mal compreendida e desfavorecida. Noronha & Rodrigues (1974) consideram que muitos surdos são negativistas e rebeldes, até mesmo agressivos. No entanto, a agressividade ocorre geralmente pelo fato de, desde criança, o surdo se expressar e, muitas vezes, não ser compreendido, ou, ao contrário, não compreender o que os outros lhe dizem. Encontramos ainda deficientes da audição inseguros, introvertidos, dependentes ou apresentando sentimentos de inferioridade.

A deficiência auditiva – considerada uma deficiência receptiva dentro do quadro geral de deficiências (FONSECA, 1995) – consiste na diminuição da capacidade de percepção dos

sons em níveis normalmente audíveis pelo ser humano.

Considera-se surdo todo indivíduo que apresenta acuidade auditiva diminuída, independente do grau em que esta se processa (LAFON, 1989). Pode ser classificado como surdo total quando a sua audição não é funcional na vida comum e parcialmente surdo quando a audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (BRASIL, 1997).

Na nossa realidade, é significativo o percentual de deficientes auditivos nos seus mais variados níveis. Segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde, cerca de 15% da população brasileira, aproximadamente 2,2 milhões, são portadores de deficiência auditiva nos seus vários níveis (BRASIL, 1996).

Portanto, basta-nos saber que esse grupo representa uma significativa parcela da nossa população e, o que é mais grave, se encontra segregado ao seu mundo, para nos tornarmos conscientes da nossa responsabilidade de intervir para a mudança desse quadro.

Como educadores, sentimos que existe um grande dano na aquisição dos conceitos de saúde e percebemos que essa falha tem tornado restrito o acesso do surdo aos serviços de saúde. Lembramos que, apesar de os surdos serem considerados cidadãos capazes, tendo inclusive direito de voto pela Constituição Brasileira, sua cidadania fica comprometida na medida em que eles passam a depender de outras pessoas para conhecer as diversas informações que podem lhes proporcionar melhoria na sua qualidade de vida.

Diante dessa realidade, sentimos a necessidade de oferecer uma assistência voltada para a orientação desse grupo, de maneira que este relato tem como objetivo divulgar trabalhos

educativos voltados para essa população, cuja característica maior é o uso de materiais visuais e exercícios participativos que aproximam os surdos e ouvintes, mesmo aqueles que têm pouco ou nenhum domínio da Língua de Sinais.

Essa atitude nos parece o primeiro passo para reconhecer o surdo como ser integrante da sociedade e, por conseguinte, valorizá-lo como cidadão apto a decidir nos vários momentos do exercício da sua sexualidade.

A educação especial

A educação das pessoas com necessidades especiais pode se dar, segundo Mazotta (1997), de duas maneiras: uma, que é a via comum, utilizando recursos e serviços dirigidos a todos os educandos, e a outra, chamada de especial, que é a utilização de recursos e serviços especiais que não estão disponíveis nas situações comuns de educação.

O uso da educação especial tem se refletido em um maior aproveitamento do potencial das pessoas com necessidades especiais. Para Freitas (1999), esta tem diminuído a valoração do portador de deficiência como ente eminentemente patológico e o proposto é uma ação educacional que privilegie a eficiência do aluno.

Segundo Sebastiany (1998), na educação especial, o educador deve estar ciente de que o desenvolvimento do aluno não depende só de um aparato biológico pessoal e cultural, mas também das situações que lhe são propiciadas. Esse fato, apesar de presente na educação regular, é bem significativo no processo educativo do portador de necessidades especiais.

A este propósito, ressaltamos que os surdos – os sujeitos de nosso estudo – vivem situ-

ações bem diferenciadas dos demais educandos, pois, como relata Perlin (1998), sua aprendizagem depende, quase na sua totalidade, de estímulos visuais.

Ao longo dos tempos, a educação dos surdos tem sido motivo de polêmica, pois, conforme Souza (1998), o fenômeno surdez tem sido, na grande maioria das vezes, associado à falta de concentração.

Segundo a mesma autora, a discussão de como deve se processar a comunicação com o surdo durante o momento educativo também tem sido acirrada e, mesmo nos dias atuais, ainda não se chegou a uma conciliação quanto ao melhor método a ser utilizado: ainda no século XVI, já se falava da oralização como o melhor método; no século XIX, utilizavam-se os sinais após o fracasso das tentativas oralistas e, nos dias atuais, as opiniões estão divididas entre três métodos: oralismo, bilingüismo e comunicação total.

O oralismo consiste em uma tentativa de levar ao surdo uma prática de comunicação através do preparo para verbalizar as palavras e da apreensão de informações da leitura labial. Enfatiza a linguagem oral como terapia. Ainda é usado na atualidade e temos correntes antagônicas quanto ao seu uso: Enquanto Smith (1989) defende o oralismo como forma de diminuir a limitação de comunicação entre surdos e ouvintes, Skliar (1998) considera que a falta de compreensão e de produção dos significados da língua oral são motivos de fracasso desse método.

O bilingüismo consiste em associar a língua de sinais à língua de ouvintes - no nosso caso, a portuguesa - tendo como primeira língua para os surdos a língua de sinais.

Quadros(1998) considera que essa modalidade de comunicação tem como pontos

importantes:1. o fato de reconhecer o surdo como cidadão integrante de uma cultura surda; 2. garantir um melhor desenvolvimento cognitivo do surdo em conhecimentos gerais; 3. oferece estratégias de ensino de uma segunda língua; e, 4. a inclusão de pessoas surdas no quadro funcional das escolas.

A comunicação total é uma filosofia educacional defendida por Ciccone (1990) que implica em uma completa liberdade na prática de quaisquer estratégias que permitam o resgate de comunicação, total ou parcialmente bloqueadas, seja pela linguagem oral, língua de sinais, datilogia, pela expressão corporal e facial, ou ainda, pela combinação desses modos, o que vale é “aproximar” pessoas e permitir contatos.

Os adeptos dessa estratégia têm como característica principal uma postura de abertura para contribuições do saber de qualquer ciência preocupada com o ser humano e suas relações sociais (CICCONE, 1990).

O trabalho educativo aqui relatado tem como base o uso da comunicação total, pois acreditamos que as diversas modalidades de comunicação poderão diminuir as dificuldades enfrentadas no processo ensino-aprendizagem, principalmente na área de saúde, quando, na grande maioria das vezes, aqueles que dominam a comunicação com o surdo não dominam os conteúdos de saúde, e vice-versa.

O cenário onde se desenvolveu o trabalho

O contato diário com pessoas portadoras de deficiência auditiva favoreceu a nossa aproximação da Associação de Surdos do Ceará, que nos possibilitou conhecer a realidade de um grupo de surdos, cujas dificuldades de se inserir no contexto social das pessoas com

capacidade auditiva normal são contornadas por um bom nível de coesão entre seus integrantes. Incomoda-nos o fato de vê-los condenados a um isolamento indesejado e concordamos com as idéias de Ciccone (1990) que afirma que o surdo é mais do que simplesmente um sujeito que não pode ouvir. Ele pode organizar seu mundo, a partir da integridade dos seus sentidos restantes e isso quer dizer que ele tem uma diferença, mais do que uma “deficiência”.

A nossa aproximação tinha dois objetivos: o primeiro, criar um ambiente positivo para o desenvolvimento das nossas pesquisas, inicialmente, a dissertação e, em seguida, a tese; e, o segundo e maior, relacionado à nossa sensibilização às necessidades dos surdos no que concerne à educação em saúde.

O desenvolvimento das sessões educativas tem ocorrido durante os encontros realizados aos sábados à noite, momentos em que os surdos se reúnem na Associação de Surdos do Ceará. Essas reuniões têm como característica o desenvolvimento de atividades de lazer, daí a necessidade de utilizarmos técnicas que alcançassem os objetivos didáticos, sem no entanto fugirem do clima de descontração e divertimento que reveste esses encontros. Estudando os hábitos dos surdos, percebemos que o interesse pela televisão, por gravuras e por manequins representativos do corpo humano poderiam ajudar na transmissão dos conteúdos.

Utilizamos, então, materiais visuais, tais como: álbuns seriados de Planejamento Familiar, produzido pelo Ministério da Saúde e pela Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar (ABEPF); pranchas de gravuras sobre anatomia e fisiologia reprodutiva

e propedêutica anticonceptiva, preparadas por laboratórios fabricantes de métodos anticoncepcionais; e vídeos sobre DST/AIDS distribuídos, também, pelo Ministério da Saúde.

A opção por esses materiais se deveu à nossa facilidade de acesso a eles, visto que trabalhamos na área de atenção à saúde da população feminina e que os programas de assistência à saúde da mulher, subsidiados pelo Ministério da Saúde e pela ABEPF, frequentemente fazem distribuição de álbuns seriados que contemplam informações sobre essa temática para os serviços que prestam esse tipo de atendimento, além do fato de os laboratórios distribuírem materiais educativos como estratégia de divulgação de métodos anticonceptivos produzidos por eles.

A cada reunião, temos associado a essa técnica outras atividades lúdicas que visavam levantar discussões sobre o tema, além de avaliar a aprendizagem do grupo.

A estratégia para o realização dessas sessões previu a utilização da sala de reuniões da Associação, ambiente amplo e arejado.

Apresentação e discussão dos resultados

Tendo como interesse principal conhecer o universo dos surdos, clientela que representa o sujeito de nossas pesquisas de Mestrado e Doutorado, e sabendo da sua dificuldade de aceitar a inserção de pessoas consideradas estranhas ao seu mundo, temos procurado levar a esse grupo assuntos do seu interesse. Vale ressaltar que eles estão esclarecidos quanto ao desenvolvimento dessas pesquisas e manifestam aprovação à publicação dos artigos escritos a partir da nossa participação nos diversos momentos de interação com o grupo. Segundo

sua óptica, essa prática leva à comunidade acadêmica a oportunidade de conhecer a cultura surda e, conseqüentemente, traz visibilidade aos problemas enfrentados por esse grupo. Corroboramos essa visão do grupo e consideramos a produção do material publicado como uma contribuição para o reconhecimento da cidadania dos surdos.

A aproximação inicial evidenciou que, quando estamos inseridos no contexto dos surdos, parece-nos que a deficiência não estava no surdo e sim na nossa incapacidade de comunicação e, já a partir dos primeiros contatos, a relação de troca de experiências que se estabeleceu deixou claro que seria viável o uso das idéias de Freire (1990) que preconiza a educação de adultos como prática libertadora. Assumindo o nosso papel de enfermeira, percebemos a carência de conhecimentos dos surdos sobre os temas de saúde e, à medida que penetramos nesse universo fechado, entendemos que existia o interesse de saber informações sobre os temas relativos à saúde sexual e reprodutiva, já que esse grupo é dependente de informações fornecidas pelos familiares e outros ouvintes que, em geral, estão pouco preparados para esclarecer as dúvidas sobre essa vertente da educação em saúde.

O desenvolvimento das sessões educativas tem obedecido ao interesse dos diversos grupos que abordamos e essa estratégia nos permite perceber que cada grupo apresenta o interesse pertinente aos valores dos surdos individualmente. Como exemplo, podemos citar que, quando o grupo é predominantemente masculino, temas como doenças sexualmente transmissíveis e uso da camisinha são mais solicitados e, quando o grupo tem um maior número de mulheres, o interesse gira em torno dos métodos anticoncepcionais. Acreditamos

que esse fato tenha lugar baseado nas questões de gênero, pois os homens demonstram preocupação pela prevenção dos riscos das relações extraconjugais, enquanto que as mulheres estão voltadas para a sua proteção contra gravidezes não programadas.

Entre adolescentes, as dúvidas giram em torno das mudanças do corpo e suas conseqüências, o que nos leva a inferir que essa curiosidade não é saciada pela inexistência de um profissional preparado para prestar esses esclarecimentos.

O uso dos dois manequins de papelão, feminino e masculino, tem sido de grande ajuda na compreensão da função dos aparelhos reprodutores e o uso de fitas de vídeo sempre tem gerado curiosidade e polêmica, levando-nos a interromper, muitas vezes, a sua apresentação para explicar os temas abordados nas fitas.

A interpretação das palavras carregadas de mitos e tabus evidenciou os valores culturais nos quais estão inseridos os surdos. A principal dúvida do grupo refere-se à masturbação e o momento de discussão dessa prática, em geral, é carregado de tensão, já que o vocábulo apresentado não é interpretado na língua de sinais e sentimos dificuldade em expressar em gestos o seu significado.

A discussão dos temas ligados aos mitos e tabus foi muito acalorada e, em alguns momentos, precisamos interferir para manter a ordem entre os surdos. O tema relacionado à homossexualidade também gerou muita polêmica e entre os homens foi comum a brincadeira de apontarem uns aos outros expressando a idéia de que eles seriam homossexuais. Muitas vezes essa atitude criou um clima tenso e nos levou a inferir que também entre os surdos esse tema é cercado de estigma e preconceito.

Ao final de cada reunião, observamos que o comportamento dos surdos nos leva a deduzir que estão satisfeitos com as informações recebidas, pois é comum eles permanecerem na sala de reuniões, procurando relatar experiências vividas ou presenciadas por eles, ao mesmo tempo em que já nos indagam pela próxima reunião e, muitas vezes, sugerindo o próximo tema a ser abordado.

Conclusão

Decorridos tantos momentos de intensa dedicação ao desenvolvimento de sessões educativas dirigidas aos surdos, percebemos quão válido foi o nosso esforço e, ao retrocedermos pelos vários instantes de nossa caminhada, encontramos a gratificação de termos, de alguma maneira, contribuído para uma árdua luta que é a reivindicação pelo resgate da cidadania, igualdade de condições e melhoria da qualidade de vida dos surdos.

Consideramos ainda que temos intermediado uma aproximação da comunidade acadêmica com a cultura surda, à medida que nossa produção científica tem trazido visibilidade dos problemas enfrentados por esse grupo e tem representado uma contribuição para o reconhecimento da cidadania dos surdos.

A nossa aproximação do grupo de surdos nos tem permitido conhecer uma cultura que, apesar de ser resultante da interação de uma minoria marginalizada, tem suas características evidenciadas por uma linguagem diferenciada, pela coesão de seus membros e pela força de suas reivindicações. Esse trabalho junto aos surdos nos tem levado a pesquisar sobre a surdez e suas implicações na socialização desse grupo e nos satisfaz encontrar um grande número de

instituições voltadas para a inserção dos surdos na sociedade dita normal.

Entendemos que a nossa iniciativa é ainda incipiente, no entanto pode representar um passo inicial para garantir aos surdos o direito de uma atenção digna e diferenciada dentro da assistência em saúde reprodutiva e sexual, podendo ainda proporcionar uma maior conscientização dos profissionais para a importância da educação em saúde nos moldes de uma educação especial dirigida aos surdos.

As dificuldades presentes no desenvolvimento do tema estiveram muito relacionadas ao fato de que as informações deveriam não somente informar como também quebrar mitos e tabus referentes a essa temática, já que os surdos são educados por pessoas ouvintes e trazem no bojo de suas experiências as repressões características da nossa sociedade.

Os obstáculos enfrentados no desenvolvimento de temas como homossexualidade e masturbação representaram forte estímulo para a continuação do trabalho proposto, pois a polêmica que esses assuntos geravam apenas evidenciava a curiosidade e a necessidade de esclarecimento do mesmo entre os participantes das reuniões.

Enfim, deixamos aqui nossa contribuição no sentido de que a divulgação da nossa experiência na realização deste trabalho possa incentivar outras atitudes pioneiras na educação das pessoas surdas.

Education in health as factor of participation of the nurse in the construction of the citizenship of the deaf: critique reflection

Abstract

This report publishes educational works offered to the deaf population, recognizing the deaf as capable citizen to decide in the several moments of the exercise of their sexuality. The educational sessions have been happening during the encounters on Saturdays at night in the Association of Deaf of Ceará, when we used visual materials (serial albums, boards of engravings and videos) and amusing activities, that lift discussions on the theme. These moments have helped the preparation of the deaf people for the exercise of a conscious sexuality and have promoted a link between this group and the academic community, because our scientific production has been bringing visibility of the problems faced by them, representing like this one more contribution for the recognition of their citizenship.

Keywords: Education in Health. Deafness. Sexual. Reproductive Health.

Educación en salud como factor de participación de la enfermera en la construcción de la ciudadanía del sordo: reflexión crítica

Resumen

Este informe publica trabajos educativos ofrecidos a la población sorda, reconociendo-lo como el ciudadano capaz para decidir en los varios momentos del ejercicio de su sexualidad. Las sesiones educativas se realizaron por la noche durante los encuentros de sábados en la Asociación de Sordos de Ceará, cuando nosotros usavamos los materiales visuales (los álbumes de serie, tablas de grabados y videos) y actividades de entretenimiento que motivaron las discusiones del tema. Estos momentos han ayudado en la preparación de las personas sordas para el ejercicio de una sexualidad consciente y han promovido un eslabón entre este grupo y la comunidad académica, porque nuestra producción científica ha estado trayendo la visibilidad de los problemas enfrentados por ellos, representando como esta como una contribución a más para el reconocimiento de su ciudadanía.

Palavras claves: Educação en la Salud. Sordera. Salud Sexual. Reproductiva.

Referências

BRASIL. Ministério do Trabalho, Secretaria de Formação Profissional. **Termos de referência dos programas de educação profissional: nacionais, estaduais, emergenciais**, Brasília, DF, 1996.

_____. Ministério da Justiça. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa portadora de Deficiência. **Programa de ação mundial para as pessoas portadoras com deficiência**, Brasília, DF 1997.

CICCONE, M. Comunicação total: uma filosofia educacional. In: **Comunicação total**, Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

DAVIS, F. A. **A comunicação não verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

FONSECA, V. **Educação especial: programa de estimulação precoce: uma introdução às idéias de Feuerstein**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

FREIRE **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.

FREITAS, S.N., A formação do professor de educação especial na Universidade Federal de Santa Maria. **Revista de Educação**. Universidade Federal de Santa Maria, v. 24, n.1, 1999. p. 107-116.

LAFON, J. A. **A deficiência auditiva na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

MAZOTTA, M. J.S. **Fundamentos da educação especial**. São Paulo: Pioneira, 1997.

NORONHA, M.H, RODRIGUES, M.H. **O deficiente auditivo e a educação especial**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

PERLIN, G. , Educação do surdo. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz de Caxias do Sul, v. 6, n. 2, jul/dez 1998. p. 33-40.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SEBASTIANY, G. D. Avaliação em educação especial: uma perspectiva contextualizada. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz de Caxias do Sul, v. 6, n. 2, jul/dez 1998b. p. 33-40.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In:, C. (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SMITH, J. Métodos orais de reabilitação auditiva. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. ano 26, n. 3, 1989.

SOUZA, O. S. H. A valorização dos recursos didáticos na construção do conhecimento das pessoas com necessidades especiais. **Reflexão e ação**, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, jul/dez 1998. p. 23-32.

Notas

¹Trabalho apresentado no 11º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem.

Sobre as autoras

Rosiléa Alves de Sousa

Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará – Enfermeira da Maternidade Escola Assis Chateaubriand. Rua Nestor Barbosa, 692, Parquelândia – Fortaleza – CE - CEP - 60.455-610 – rosilea_alves@uol.com.br

Lorita Marlena Freitag Pagliuca

Enfermeira. Doutora, docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

Data de Recebimento: 22/02/2002

Data de Aprovação: 13/09/2002